



Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*
Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*

Ano 5; N.º 190; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.16]

FOLHA INFORMATIVA N.º 23-2012

A Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Constância



Constância, situada na confluência do Tejo e do Zêzere foi outrora um importante porto fluvial,



aonde chegavam e de onde partiam produtos endógenos locais, das Beiras e do Alentejo, para Lisboa. Rio abaixo, num tempo em que o Tejo era a principal via de comunicação e o ganha-pão de muitos pescadores, o Tejo pululava de vida, de remos, de velas, de cor e de tráfego. A Constância aportavam inúmeras embarcações (algumas de porte considerável)

e a vila florescia. Conheceu franco desenvolvimento assente no comércio fluvial e a sua população fazia do rio o seu modo de vida. Chamavam-se *marítimos* estes homens que sulcavam as águas até ao Porto da Palha. Ainda hoje, os *marítimos* permanecem na memória da vila e nos seus descendentes. Num tempo em que o transporte rodoviário, precedido do ferroviário, veio destronar o transporte por barco, a partir da segunda metade do século XX, Constância continua a manter viva a sua memória e a sua identidade, intimamente ligadas à vida no rio. Vida no rio, que era arriscada e dura, sobretudo na invernia tormentosa das cheias

traíçoeras. O perigo e a necessidade de proteção apelavam (e apelam) ao divino e ao transcendente, confiando, sobretudo a Maria - Senhora da Boa Viagem -, a guarda da própria vida. Nascia a fé em Nossa Senhora da Boa Viagem, uma fé que se mantém, extrapolando as viagens “marítimas” para todas os meios de deslocação.

Não é de estranhar que Constância acarinhe e preserve as marcas do seu património cultural, material e imaterial, com especial destaque para o religioso, já que a Fé e os Homens permanecem indissolúvelmente ligados, como as águas do Tejo e do Zêzere que aqui se abraçam. Esta expressão religiosa vai ao encontro da definição da UNESCO, na sua Convenção de 2003, relativamente ao Património Cultural Imaterial, já que nele se integram as práticas sociais, rituais e eventos festivos.

A singularidade de Constância é a singularidade do seu contexto natural e a sua notoriedade a imagem que projeta a nível nacional e internacional, ligada a Camões, em especial, à doçaria que remete para o “Céu”, nos seus doces queijinhos, e à dinâmica dos seus eventos festivos. Constância é a Vila Poema. E como poema que é tem uma cadência própria, uma musicalidade suave, uma envolvência afetiva. Constância é a emoção e a experiência de mergulhar numa vila histórica com uma história que se mantém viva. Pela Páscoa enche-se de flores de papel,



perfuma-se com rosmaninho e alecrim e adorna-se de colchas nas janelas, em dia de procissão.

Voltando o olhar para o Tejo, somos imediatamente levados a pensar que ele foi e continuará a ser a âncora do desenvolvimento local. Outrora vivendo dele, agora resgatando-o, revivendo-o em incursões turísticas, numa

verdadeira expressão de turismo de emoções. Sem dúvida que a Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem é uma das suas mais fortes expressões. Uma festividade religiosa fluvial, à qual convergem milhares de pessoas. De muitos municípios ribeirinhos, do Montijo e do Barreiro a Abrantes, acorrem barcos engalanados, na Segunda-Feira de Páscoa, para receberem a bênção da Senhora protetora dos *marítimos*. E porque as viagens, seja qual for o meio de transporte utilizado, fazem cada vez mais parte da vida atual, a bênção estende-se às viaturas estacionadas na vila e a todos quantos nelas viajam.



A devoção à Senhora da Boa Viagem remonta ao Século XVIII, altura em que foi edificada a Igreja Matriz – Igreja de Nossa Senhora dos Mártires – na qual está a imagem que todos os anos desce à vila e aos rios. Não são só os homens a irem ao encontro da Senhora, mas a Senhora que vai ao encontro dos homens. Por isso a recebem festivamente, com foguetes, flores, bandeiras, imagens em altares nos barcos, rosários que se desfiam, cânticos de louvor e invocações à sua proteção maternal e divina.



Muitos trajam à época, pés descalços de pescadores, calças curtas, camisa de flanela e barrete na cabeça que retiram solenemente à aproximação da Senhora. As mulheres exibem o seu melhor traje, aventais bordados, lenços de renda sobre a cabeça. Trazem filhos e netos e o rio é, uma vez mais, o encontro de

gerações.

Há uma linguagem de sinais, de ritos, de expressões culturais e religiosas numa semiótica complexa.



O Tejo é o elemento agregador e a Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem é uma das suas expressões.



*Preservai-nos Mãe querida
Senhora da Boa Viagem
De calamitosas chuvas
E de rigorosa estiagem*

*Devotos vos invocamos
Em qualquer passo ou estância
Pra voltarmos sãos e salvos
Às pousadas de Constância*

*Atidos aos elementos
Privados de coração
Qual seria a nossa sorte
Sem a vossa defesa?*



Da jaculatória da Procissão de 1878

Depois da Missa Solene, a Procissão sai da Igreja Matriz



Desce as ruas vila e percorre a vila em direção aos rios



O andor com Nossa Senhora da Boa Viagem



Santa Teresinha do Menino Jesus



Primeira bênção frente ao Zêzere



Os barcos no Zêzere acompanham o percurso da procissão que vai passando nas ruas



De pé para receber a bênção, ainda no Zêzere



Já no Tejo, as embarcações dirigem-se para o local onde será proferida nova bênção



Uma embarcação da Nazaré lembra que os barcos partem, mas devem voltar



A bênção das embarcações no Tejo



Uma família de pescadores





Os pescadores que partem...



E os barcos que ficam, lembrando a festa...

*Ana Paula Pinto
Fotos de Carlos Vitorino*

Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem [Imagens do ano passado – 2011]







Fotos de Carlos Vitorino